



ÁREA TEMÁTICA: IDENTIDADES, VALORES E MODOS DE VIDA

CALDEIRÃO DA SANTA CRUZ: MEMÓRIAS DE UMA UTOPIA COMUNISTA NO NORDESTE BRASILEIRO

CORDEIRO, Domingos Sávio de Almeida.

Mestre em Sociologia

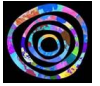
Universidade Federal do Ceará / Universidade Regional do Cariri

saviocordeiro@gmail.com

Resumo

Na formação da sociedade brasileira há confrontos entre organizações de trabalhadores rurais e forças repressivas do Estado, nos quais destaco a experiência do Caldeirão – CE, 1926 – 1936. O confronto que se materializou em invasão, mortes e destruição do Caldeirão, seria marcado nas distintas versões memoriais que explicam o mundo social. O objetivo da comunicação é discutir os confrontos de memórias nas quais o Caldeirão se constitui para os remanescentes como uma irmandade, “um céu na terra”, e para o Estado como uma célula comunista.

Palavras-chave: Memória Social, Messianismo, Caldeirão, Brasil.





1. INTRODUÇÃO

Desde a formação da sociedade brasileira os trabalhadores rurais constituem um segmento que tem vivido em precárias condições de sobrevivência. A exclusão social de trabalhadores rurais deu-se, em parte, como decorrência da expropriação de terra e de direitos básicos, através de artifícios judiciais - ações de despejo e reintegração de posse, e de violentas ações promovidas por oligarquias rurais como intimidações, destruição de moradias e lavouras, e homicídios (Martins, 1985). Como reação surgiram manifestações camponesas que deram origem a formas de organização social e religiosa classificadas como messiânicas (Queiroz, 1977). Entre as situações que denunciam com maior nitidez a dimensão do confronto entre organizações de trabalhadores rurais e forças repressivas do Estado destaco a experiência do Caldeirão - CE, 1926 - 1936.

Discutir sobre Caldeirão implica abordar seu líder, Beato José Lourenço, já que aquela comunidade¹ aconteceu enquanto e onde ele esteve presente. Em torno de sua figura se constroem memórias expressas num conjunto de narrativas sobre o personagem, sua conduta e suas comunidades. Em torno do Caldeirão há narrativas orais e escritas que compõem um arcabouço de memória sobre o movimento. Esta memória apresenta diversas versões para explicar os fatos, a liderança daquele movimento e o mundo social. A memória é a mediação para pensar como deve ser o “melhor mundo” e qual a “melhor forma de vida”. O termo narração, aqui, abrange tanto exposições orais de fatos rememorados por contemporâneos do Caldeirão,² quanto exposições escritas,³ em jornais da época, documentos oficiais, folhetos de cordel e análises acadêmicas.

Uma questão fundamental ao se trabalhar a memória social nas Ciências Sociais é pensar que pode não haver apenas um conjunto uniformizado de narrativas, mas encontros e desencontros em distintas interpretações de um mesmo contexto cultural. A memória contempla construções de mundo próprias. Os diversos setores da sociedade quando se referem aos mesmos fatos vão construir memórias que podem se chocar por corresponderem a lugares sociais nos quais surgem os discursos. Considerando a memória como um veículo de informações e por isso um fato social, como propõe Maurice Halbwachs (1990), as idéias sustentadas coletivamente constituem fatos sociais. Pode-se compreender a partir de Halbwachs, a memória de grupo, observando que os depoimentos sobre fatos, em um passado rememorado, têm sentido em relação a um grupo do qual se faz parte, já que depende de quadros de referência nos quais evoluem testemunhos do grupo e do indivíduo. No caso desse estudo, temos aqui dois blocos de versões memoriais radicalmente opostos: a versão dos remanescentes e a versão do Estado, das quais partilham os poderes da época, as elites econômicas e a Igreja. Como o mesmo fenômeno do Caldeirão e a sua destruição teria sido percebido por esses dois grupos de atores sociais?

Neste trabalho, faço uma leitura de como narrativas memoriais podem se confrontar quando são construídas memórias para explicar o mundo social. As memórias falam sobre o mundo e ao privilegiar fatos pela lembrança e esquecer outros torna-se a mediação para se pensar como deve ser o melhor mundo, a melhor forma de vida, numa perspectiva de construção de uma utopia. As memórias de remanescentes do Caldeirão constituem uma utopia comunista, embora com significados radicalmente tencionados entre os que faziam a “comunidade” e os que a destruíram: as forças militares do Estado, as elites econômicas e a Igreja. Enquanto para os moradores do Caldeirão o que havia lá era uma irmandade, “um céu na terra” - para o Estado tratava-se de uma célula comunista. O confronto que se materializou em invasão, mortes e destruição do Caldeirão, seria marcado nas distintas visões de mundo.

Na aproximação empírica, foram usados recursos da pesquisa oral, na qual entrevistei 15 contemporâneos do Caldeirão no período de 1999 a 2000, além de busca e recuperação de entrevistas em VHS e cassetes realizadas por estudiosos e curiosos durante as décadas de 1980 e 90 com pessoas que moraram em comunidades organizadas pelo Beato José Lourenço.⁴



2. TRAJETÓRIA DE UMA EPÓPEIA

As “comunidades” organizadas pelo Beato José Lourenço situavam-se na região do Cariri (região que compreende o Sul do estado do Ceará e o Noroeste do Estado de Pernambuco). No Ceará: o Sítio Baixa Dantas, Caldeirão da Santa Cruz do Deserto e Mata dos Cavalos / Sítio Cruzeiro – no município de Crato; em Pernambuco, o Sítio União – no município de Exú.

A vida pública de José Lourenço, começa com a sua chegada a Juazeiro do Norte em 1890, onde desde então, perfaz a trajetória de uma liderança, influente e aglutinadora de grupos. Em 1º de março de 1889 havia acontecido um fato extraordinário, naquele povoado, nomeado “Joazeiro”: A hóstia dada, pelo Padre Cícero Romão Batista, na época responsável pela capela local, transformou-se em sangue na boca da Beata Maria de Araújo. O fato se repetiu várias vezes e passou a ser conhecido como o “milagre da hóstia” fazendo surgir um dos maiores fenômenos de devoção popular do país: as romarias a Juazeiro do Norte – a “terra mãe de Deus”. Chegado em Juazeiro do Norte, José Lourenço tornou-se amigo do P^e. Cícero e entrou para uma ordem de penitentes que praticavam autoflagelação em rituais de purificação do espírito.⁵ Contudo, José Lourenço não era um beato comum⁶: 1. Acontecia dos beatos terem parceiros sexuais, ele não, era celibatário e casto; 2. Despertava o entusiasmo dos companheiros nas práticas religiosas; 3. Vivía do seu próprio trabalho, cujo produto dividia com os pobres (Bartholomeu, 1923; Figueiredo, 1934 e Maia, 1992).

Entre os anos de 1894 e 1895, José Lourenço foi morar com sua família e alguns romeiros num terreno arrendado chamado Sítio Baixa Dantas no município de Crato (Alves 1994: 70). Morando lá com sua família iria receber, continuamente, trabalhadores rurais, enviados pelo Padre Cícero, que chegavam em grande número ao povoado de Juazeiro do Norte.

Em 1921, o Padre Cícero entrega para o seu seguidor e auxiliar, José Lourenço, um touro da raça zebu, presenteado por um industrial alagoano. Como pertencia ao Padre Cícero, que, para o povo, já era santo, o boi também era, animal/objeto santo, e o papel do santo é fazer milagres. O boi nomeado por “Boi Mansinho” usado como reprodutor, iria racear o gado local, elevando-lhe a categoria. Em pouco tempo, o boi passou a ser tratado com muito zelo por romeiros⁷ que o alimentavam carinhosamente e cuidavam do seu estábulo. O representante da elite local, Floro Bartholomeu – uma espécie de xerife no povoado - incomodado pela repercussão na capital do Estado (Fortaleza) em tom de zombaria criada em torno do fato, mandou sacrificar o boi e prender o Beato José Lourenço sem uma acusação formal. Depois de abatido o boi, a carne foi oferecida à população que recusou consumi-la. Os soldados foram obrigados a comê-la. Segundo entrevistados remanescentes, o beato permaneceu 17 dias na cadeia, não se alimentava nem dormia. O Padre Cícero e os amigos do beato intervieram em favor dele e ele foi solto. Liberto, voltou ao Baixa Dantas onde ficou com seu povo até 1926. Naquele ano, o sítio foi vendido. O Beato foi desapropriado sem qualquer indenização pelas benfeitorias feitas. José Lourenço seguiu com seu povo para um sítio no pé da Chapada do Araripe, na época conhecido por Caldeirão dos Jesuítas.

3. SURGE UMA “COMUNIDADE COMUNISTA”

O Caldeirão se configura como cenário de manifestação da liderança do Beato José Lourenço. O lugar em que se instalou a comunidade é uma área de aproximadamente 900 hectares, no sopé da chapada do Araripe (Cariri ocidental, sul do estado Ceará) distante 20 km da sede do município do Crato e 540 km da capital Fortaleza no litoral. É uma região semi-árida, chove pouco e de sol escaldante. A vegetação predominante é a caatinga, formada por árvores baixas e arbustos, muitas são espinhosas. Pelo tipo de vegetação pode-se deduzir a qualidade do solo: terreno pedregoso, solo nu e pobre em nutrientes. A topografia da área é acidentada, com depressões e vários grotões. O Caldeirão era uma terra imprestável, árida e íngreme até a chegada do beato e sua gente.



Foi o trabalho humano de peregrinos liderados pelo beato que tornaram o “Caldeirão do Deserto” no “Caldeirão da Santa Cruz”, uma “comunidade” camponesa, que existiu durante 10 anos, onde habitaram aproximadamente 1.700 pessoas. No início, era um pequeno grupo sob a liderança do beato, em torno da devoção à Santa Cruz. O sítio acabou por se transformar num lugarejo próspero com centenas de casas. Todas as casas eram de taipa – madeira, barro socado e palha. As moradias eram construídas de acordo com a ordem de chegada ao sítio, formando semi círculos direcionados para a área central onde havia uma igreja com um cemitério atrás e uma grande pátio a frente. Os equipamentos de produção, todos de uso coletivo, eram compostos de engenho de cana onde produziam rapadura (blocos de açúcar natural), casa de farinha onde produziam a farinha de mandioca, e paióis para armazenamento de colheitas de cereais. Graças a armazenagem, o Caldeirão pode alimentar flagelados da seca de 1932, uma das maiores registradas na história. A paisagem aos poucos foi modificando-se com a construção de dois grandes açudes e o cultivo de grande variedade de fruteiras. As artes e ofícios também tinham ali o seu lugar: havia oficinas de marcenaria, ferreiro, aviamentos de couro, barro e cerâmica. Cultivavam cereais, criavam bois, porcos, cabras, galinhas, animais de estimação domésticos (cães e gatos) e selvagens domesticados (emas, mocós, papagaios) – todos criados em liberdade, e alguns cavalos para uso do beato. “... Caldeirão é uma linda propriedade, com um bom núcleo de população trabalhadora e obediente ao beato, que a orienta para o bem, dentro da mais rigorosa ordem” (Figueiredo 1934: 07).

A comunidade possuía um sistema de produção e distribuição de bens básicos (víveres, instrumentos, oportunidades de trabalho, moradia e “alimento para o espírito”) com características de autogestão. Dizem os remanescentes que lá “tudo era de todos”, e não havia distinção entre dirigentes e executantes do processo de produção. “Lá era assim, era amanhecer o dia e trabalhar, cada [qual ia] cuidar do seu serviço... Era tudo trabalhando junto, aquele grupo de gente, tudo trabalhando, tudo era um corpo de união, tudo junto... Trabalhando em qualquer serviço” (J.B.M./m/1983).

Lá chegavam para fazer parte do grupo muitos trabalhadores rurais com suas famílias provindos de fazendas da região onde viviam, submetidos pelos patrões, em regime de semi-escravidão.

Eu acho que o que chamava atenção do povo era o povo chegar lá e ser bem recebido. Ele tratava bem todo mundo, com respeito, bem recebido, o povo gostava. Aqueles que vinham, quando viessem, já iam mais. Ele nunca fez escolha porque fulano é mais pobre, fulano é mais rico. Recebia tudo de jeito só. Se precisasse dar conselho ele dava do mesmo jeito. (M.T.M./F/SET.- 2000).

Com as contínuas romarias a Juazeiro do Norte e constante encaminhamento pelo P^e. Cícero deromeiros retirantes ao sítio, a população do Caldeirão foi aumentando rapidamente. Em 1932, o Caldeirão ganhou uma importância marcante com a grande seca que assolou o Nordeste. O Governo do Ceará instalou, em vários municípios, campos de concentração para confinar os flagelados da seca (Lopes 1991: 77 seq.). Aqueles campos eram conhecidos pela população como “currais do Governo”. No Crato, foi criado o “Curral do Buriti”. Enquanto no Caldeirão, quem chegasse comia, levava para os outros e tinha casa, trabalho e companhia, no Campo do Buriti, repetiam-se os desvios de mantimentos enviados aos flagelados da seca pelo Governo Federal. A comida era composta de alguma variedade de alimentos – farinha de mandioca, macarrão, arroz, feijão e sardinha, mas apenas aqueles de menor valor nutricional e financeiro chegavam aos destinatários. No campo, a única comida disponibilizada era farinha de mandioca antiga e de baixa qualidade. A maioria dos retirantes, que lá era confinada desnutrida, adoecia com indigestão, empanzinada pela farinha. Sem higiene, pesteados e abandonados, muitos morriam e eram enterrados em valas comuns. Paralelamente, o Caldeirão oferecia guarita para uma multidão de flagelados famintos: alimentação suficiente, água, moradia, remédios, trabalho para os que quisessem ficar e amparo espiritual. Isto fez com



que, após a seca, sua população tivesse aumentado bastante. Era uma “comunidade” auto-sustentável, onde se podia enxergar um exemplo materializado de utopia comunista.

Em 20 de julho de 1934 morre o Padre Cícero. Em seu testamento o Caldeirão passava a ser propriedade da Ordem dos Salesianos. A “comunidade” originada em torno de 1926 teve seu fim a partir de setembro de 1936, destruída por forças militares do Estado. Tomada de assalto por forças policiais a “comunidade” foi invadida e destruída. Parte da população foi presa e levada para Fortaleza, capital do estado, onde ficaram trancafiados nos porões da Delegacia de Ordem Pública e Social, o DEOPS. Outros penetraram na floresta da Chapada do Araripe e se dispersaram na mata. Muitos foram obrigados a migrar para qualquer lugar. José Lourenço fugiu e refugiou-se na “Mata dos Cavalos”, hoje, conhecida como Sítio Cruzeiro. Nesse sítio, parte dos ex-moradores do Caldeirão reencontraram o beato e passaram a conviver clandestinamente.

No ano de 1937, alguns dos trabalhadores do Caldeirão liderados por outro beato, Severino Tavares, entraram em confronto com forças policiais. Após o incidente foi deflagrada uma campanha na imprensa de vários estados, na qual José Lourenço e seus seguidores apareciam como uma ameaça pública em várias localidades nordestinas. Enquanto a imprensa divulgava o discurso oficial,⁸ tropas militares do Estado do Ceará percorriam a Chapada do Araripe e matavam qualquer pessoa que fosse suspeita de ser seguidora do beato. Após a chacina, em 1938, José Lourenço e alguns seguidores deixaram a Mata dos Cavalos, voltaram às terras do Caldeirão e tentaram reconstruir a “comunidade”. Dois anos depois foram definitivamente expulsos por ordem judicial. O Beato e seus seguidores atravessaram então a Chapada do Araripe e foram para o estado de Pernambuco onde compraram um terreno com o dinheiro da venda da pequena parte de seus bens que foi leiloada e depositada em juízo pela polícia, e do resultado de uma sobra de gado desgarrado durante a invasão de 1936. Lá, no Sítio União deram continuidade a comunidade com os remanescentes e viveram juntos e em paz até 1946, quando o Beato José Lourenço morreu e seus seguidores se dispersaram pela ausência do líder.

O Beato José Lourenço e as comunidades organizadas por ele podem ser percebidos na categoria de movimentos messiânicos segundo o escopo teórico da categoria de messianismo desenvolvida por Queiroz (1977). No seu trabalho, o campesinato progride através de movimentos messiânicos. O messianismo se constitui como resposta às precárias condições de vida de um segmento da classe de trabalhadores rurais, que transita de um sistema de servidão para cooperação. Nela um líder religioso se constitui como alguém com função de trazer a vitória do bem sobre o mal, corrigindo imperfeições da humanidade e possibilitando o advento de melhores condições de vida e trabalho: o “paraíso na terra”. Tal figura possui status, não porque detenha uma posição dentro da ordem estabelecida, e sim, porque suas qualidades extraordinárias (carisma) provadas por meio de faculdades especiais ou místicas lhe dão autoridade (Queiroz 1977: 27). É possível constatar nessa memória que o Caldeirão, como os demais movimentos messiânicos, representou uma “válvula de escape” da sociedade, como afirmou Bastide: “o messianismo é uma resposta ... à situação histórica de uma classe rural abandonada, que se mostra capaz, utilizando meios tradicionais, de passar da servidão à cooperação ...” (In Queiroz 1977: XVI).

A utilização do termo messianismo no contexto de vida e trabalho das populações do meio rural a rigor não se referem a algo exótico, pois são, sobretudo, fruto da necessidade dos agricultores e pobres em geral em possuir um pedaço de terra como condições para sobreviver (Hoonart 1997), além do ethos religioso⁹ como elemento de coesão grupal. A partir de relatos de remanescentes havia uma forte valorização ao sentimento de igualdade pelo trabalho e desfrute da produção pelos participantes das comunidades e no sentido de fraternidade entre irmãos perante Deus. Revestidos de uma visão de mundo igualitário, o povo do Caldeirão teria construído na comunidade um modo de vida com relações equânimes, que se manifestava em um convívio equilibrado, com capacidade de exercer em ritos cotidianos, uma fé extraordinária. Assemelhava-se a uma comunidade comunista, pensando num comunismo primitivo, onde todos produzem, os bens são repartidos de acordo com as necessidades e não há a presença do Estado.

Sobre as semelhanças entre o que se nomeia por comunismo e por messianismo, ambas as doutrinas postulam a igualdade humana como fundamental. “A diferenciação sócio-econômica quebra o nivelamento



que deve existir entre 'irmãos', quando na profundidade do seu 'eu', os homens são iguais enquanto filhos de Deus, ultrapassando assim divergências étnicas, de nascimento e de fortuna" (Queiroz 1977: 413).

Não havia pois no Caldeirão uma organização como uma luta política por nivelamento, abrangente a toda sociedade brasileira, abolindo as diferenças tidas como "naturais" pelas classes dominantes e os prestígios tidos como legitimamente conseguidos.

Não. Eu não acho que seja comunismo porque, como é que é, eu tô pensando... se a pessoa só reza, a pessoa teme a Deus. Acha que pode ser? Eu acho assim na minha mente (M.T.M./f/set.-2000).

Quantas escadas tem o céu? Pois tem duas. Como é? Uma toda vermelha, e outra branca. E nós só subimos na branca. Nossa Senhora dá a mão e ajuda-nos a subir, certo? Que quando Nosso Senhor veio ao mundo, não foi pela escada branca? Pois! Nós só subimos pela escada branca. O que é que faz? Rezar. Fazer caridade. Levaram a vida como esses santos aí. (J.M.C./f./1998).

Segundo a informante, para se chegar ao céu não bastava ser penitente que segue um líder religioso. Existem, pois, dois caminhos: o verdadeiro é a escada branca e o caminho falso – a escada vermelha. O acesso correto, que forma a escada branca, é o exemplo do Deus / Cristo e a fé na mãe dele - Nossa Senhora.

Note-se que embora houvesse uma prática social comunista, já que a propriedade era coletiva¹⁰, a doutrina comunista lhes era desconhecida e por eles rejeitada. Essa geração conviveu com idéias do tipo "comunista come criancinha" e que comunismo não coexistia com fé religiosa isto provavelmente como reflexo da divulgação de uma noção clássica formulada por Marx de que "religião é o ópio do povo". O que não ficou no domínio do senso comum é que Marx também "acreditava" que "Religião é o protesto mais veemente às misérias desta vida" (Marx apud Oliveira 1988: 162) e talvez, uma combinação da dimensão religiosa com as aspirações de libertação (id.: 163).

A versão do Estado está presente nas representações da imprensa em jornais da época. Compreendendo o período de 1930 a 1940, há matérias jornalísticas sobre o beato e o Caldeirão cujos conteúdos espelham as interpretações oficiais, e são uma extensão da ótica das classes dirigentes, de documentos militares e de divulgação do discurso do Estado formulando a memória pública oficial. Antecedente a invasão foi orquestrada na imprensa uma campanha que encaminhava a morte moral do Caldeirão preparando a opinião pública para a invasão:

Dois malandros do Ceará, José Lourenço e Severino, andam explorando no vale do Cariri a memória do P^e. Cícero ... para fanatizar os coitados alucinados pela seca. Os fiéis que eles atraem invocando a memória do padrinho são obrigados ao trabalho... São fanáticos não resta dúvida, mas fanáticos que lavram a terra plantando cana e arroz. ... (O Povo, 02-03-1936: 02).

... O sr. Chefe de Polícia, no início do corrente mês, dirigiu uma importante diligência, servida de forte contingente policial e de estação de rádio, no objetivo de acabar de vez com a colônia de fanáticos que, de futuro, poderia criar (sic.) embaraços... (Revista Policial – CE, set.-1936: 18).

Com uma terminologia, carregada de expressões pejorativas, o discurso da imprensa no ano seguinte justificativa a morte física das pessoas da "comunidade", a ser patrocinada pelas classes dominantes e executada pelo Estado a serviço da propriedade privada no ano de 1937.



Usam os penitentes do beato José Lourenço, sem exceção, homens, mulheres e crianças, ordinária roupa preta, tinta com lama, que exala insuportável mau cheiro. Quase todos possuem uma espingarda de caça, garrunchas e alguns revólveres. ... Não é possível ocultar o perigo que acomete este ajuntamento selvagem em lugar deserto e despolicado como a Serra do Araripe, não sendo de estranhar que dentro em breve surjam roubos e tropelias outras praticadas por aquele bando de inconscientes de quase mil indivíduos, atualmente vagabundos e ociosos. Por isto julgamos prestar grande serviço à nossa terra dando notícia dentro das fronteiras do nosso município desse cancro social ... (O Povo, 12-05-1937, 1ª pág. e pág. 8).

A população do Caldeirão foi tida como fanática¹¹ e o Beato José Lourenço foi visto como “papa de um fanatismo tresloucado”, “espécie de Dom Juan” e “marxista prático” pelo tenente José Góes de Campos Barros (1937: 27 e 32). Esse militar foi o principal porta-voz do discurso oficial no relatório policial da invasão escrito por ele, onde predominam preconceitos de todos os modelos ao pintar a figura do Beato e dos seus seguidores incluindo determinismos raciais e geográficos. Contudo, desde a invasão do Caldeirão em 1936 a polícia descobriu, logo cedo, que lá não era um covil de comunistas nem o Beato preparava revolução alguma:

Um fato importante, que eu tenho observado com surpresa, é não haverem os agentes comunistas, consoante preconiza a tática de seus chefes, procurado explorar aquela excrescência dentro do Estado, cuja irritação poderia ter aberto uma ferida de cicatrização difícil, mas que seria um passo para a frente, como inteligentemente afirmam os agentes de Moscou (Barros id.: 43).

A invasão policial deu-se num momento em que o Caldeirão partia para um salto significativo de urbanização: organização das ruas, construção de muitas casas e da Igreja. Na fase final da “comunidade” se deu a chegada de três professoras. Elas teriam estruturado uma pequena escola de educação básica, se tivesse havido a oportunidade de dar continuidade à experiência do Caldeirão.

A destruição do Caldeirão decorreu da incompreensão do Estado em negociar com aquela forma de organização social cujos valores ancoravam-se nas necessidades humanas fundamentais: trabalho, alimento e sociabilidade no sentido de sociação em Simmel (1983: 61). Quanto à acusação de haver no Caldeirão um depósito onde, supostamente, estavam guardadas as armas, segundo os informantes, o que a polícia encontrou foi um grande sortimento de utensílios agrícolas. A revolução empreendida pelo beato era outra bem diferente. “Rezava até 12 horas, até uma da madrugada. Às vezes ninguém nem jantar num jantava, ia logo era rezar” (A.I./m/jan.-2000).

No Caldeirão deixava-se de comer para rezar. Isto era uma opção normalmente aceita. O condenável seria como acontecia com os trabalhadores rurais nordestinos em geral, era só trabalhar e não ter o que comer. A fartura é uma referência constante alimentando as imagens míticas do beato José Lourenço e do Caldeirão.

Era uns céus abertos, no tempo que ele vivia, na União e no Caldeirão. Era bom demais. Era uns céus abertos assim, porque a gente tinha aquele grande prazer na vida. E rezava tudo. Aí todo aquele pessoal tinha alegria ... tinha aquele maior prazer... (M.C./f/jan.-2000).

O povo que morava no Caldeirão ficava satisfeito tanto pela garantia material porque lá era um lugar que havia trabalho, comida, e casa, como porque as pessoas tinham segurança simbólica. Na versão dos



remanescentes os depoimentos de informantes explanam o atrativo que a organização e o modo de vida do lugar exerciam nos visitantes:

Gostei do jeito de lá, da religião. Porque lá era só para trabalhar e rezar, e comer também (J.M.C./f/1998).

Eu nem conhecia estrada nem nada, mas graças a Deus eu vim. Ai chegamos. Muita gente. Todos naqueles trabalhos muito bem organizados. Eu achei muito bom, me apaixonei. Era uns aguando planta, outras varrendo, outras tecendo, era todo tipo de trabalho. Para todo lado tinha gente trabalhando. Quando amanhecia o dia, às 5 horas, o povo se levantava. Seguia tudo, cada um para o seu trabalho. Já tinham suas tarefas, marcados de trabalho. Quando era 10 horas ia a merenda. Quando era 12 horas era o almoço, fartura mesmo! E assim ia tudo trabalhando, tudo feliz, tudo era união, na paz muita felicidade (M.G.C./f/dez.-1990).

No momento em que surgiu o assunto “trabalho” nas falas dos informantes ele foi seguido por alguma sentença indicando a fartura como compensação ou recompensa. A fartura é falada no sentido de mesa farta. O trabalho atende às necessidades básicas do homem: alimento para o corpo e “alimento para a alma”. A lógica descrita é de fartura, e não de escassez. “Tudo era na união, na paz, muita felicidade”. Por que competir se a fartura lhes era assegurada? Por que não seriam unidos se havia abundância para todos? Há uma utopia por trás da idéia de fartura, a de que é possível um mundo onde todos desfrutem, igualmente, das riquezas produzidas.

Lá eles tinham direito, o que eles trabalhavam era para todos. Porque lá tinha o gado, boi, ovelha, porco, não vendia um, era tudo para comer. O pessoal trabalhava, trabalhava, mas era tudo para comer. Roça de feijão, roça de milho, fava, arroz, o que tirasse, era tudo só para gastar. ... Ai o pessoal matava dois bois, com dois dias num tinha mais nada, por que era gente demais pra comer. Agora o negócio era esse: ninguém tinha direito de vender um saco de arroz, nem um saco de feijão, nem um saco de fava, era tudo para comer, ia tudo para um armazém só. Mas moço, era para comer e vestir. Se fosse assim: a pessoa só tinha aquele pratinho de comer, por muito que fosse a religião ninguém ia ficar ali não, né? Ficava porque sabia que era para todos. Se fosse para a gente trabalhar e o que lucrasse fosse para ele [o beato] vender, embolsar o dinheiro e só dá o prato de comida a gente, ai era ruim. Mas o que trabalhava era para todos, todos que chegava tinha o direito de comer e de beber e de vestir, mais ali era irmandade tudo (A.I./m/jun.-2000).

Os excedentes da produção de algodão eram vendidos e, com o dinheiro da venda, eram comprados medicamentos, animais para talho e tecidos leves, usados na confecção de roupas – os tecidos pesados, rústicos, eram tecidos na própria comunidade, com o algodão cultivado por eles, e eram usados na confecção de redes, mantas, toalhas etc. “Era bom, era tão bom. Trabalhava... A vida melhor que a gente passou na vida” (C.I./f/set.-2000).

A empolgação com que os remanescentes se referiam a trabalho mostra a valoração dada na comunidade ao desempenho dessa atividade. O apego ao trabalho como valor propiciava a autonomia e o nivelamento a partir de atividades produtivas. O trabalho era voluntário, assim como a prece era espontânea. As pessoas eram livres para escolher aquele estilo de vida, mas não eram livres para explorar os outros, vivendo as custas da “energia” – mais-valia, força de trabalho alheia. A liberdade estava em optar por viver naquelas



condições ou “caír fora”. Mas não era só ao trabalho que se dava maior importância nas narrativas. A “comunidade” é formada no tripé: trabalho / oração / abundância. Os três valores são expressos como equivalentes. “La era rezar, comer muito e trabalhar muito. Ninguém tinha tempo de estar desempregado no mundo.” (M.C./f/jan.-2000).

Três elementos interligados: trabalhar, comer e rezar. Trabalhava-se para conquistar a salvação da alma e para ter a abundância terrena, rezava-se para receber a abundância e trabalhar pela salvação, comia-se para garantir os outros dois. Tudo “com gosto”, com prazer. O tratamento igualitário é citado com recorrência.

Lá tanto fazia um, como todos. Era de todo mundo. Não tinha isso de dizer esse é mais meu... Era tudo uma coisa só, era tudo igual, não tinha isso de um ser mais merecido do que outro, não. Repartia. Partia o boi todo para os trabalhadores, né?. Os moradores cada um ia e pegava para fazer suas comidas... Eu achava muito bom. Todo mundo achava. Se não fosse [assim], o povo não queria ficar lá. Mas, ele também não obrigava rezar. Ele dizia: vamos rezar. Quem quisesse rezar, rezava. Ele não obrigava a rezar, não. Amanhecia o dia cada um sabia o que fazer. O primeiro que se levantava era ele, ia para a roça, aí, os outros iam atrás dele (M.T.M./f/reman./set.-2000).

Tudo tratado direitinho. Ali não tinha ninguém melhor do que ninguém, não tinha branco, não tinha preto, era tudo uma igualdade só. O que o branco comia, o preto comia também. Eita! Tudo muito satisfeito, todo mundo gostava. Ave Maria! Tinha gente que ficava lá, era para nunca mais sair (F.L.S./f/maio-2000).

Há afinidades nas suas visões de mundo, que os tornavam em iguais pelo estilo de vida e em relação a gênero. De maneira geral homens e mulheres recebiam tratamentos iguais em relação ao trabalho. A igualdade de gênero verificada em relação ao trabalho significa que todos deveriam ter as suas ocupações nas atividades domésticas, na produção agrícola, pecuária ou nos ofícios.

Lá era muita gente, mas, cada um tinha sua função para fazer. Se tivesse doente, ninguém ia trabalhar. Só ia se pudesse. Se tivesse sadio ia, a não ser, não faltava remédio, não faltava roupa, não faltava nada (M.T.M./f/set.-2000).

O que consta na oralidade como justificativa para o ataque ao Caldeirão? De onde partiu a ordem de invasão à comunidade? Quem estava por trás? Segundo os informantes, houve um pouco de tudo: campanha difamatória e ambição pelos bens do Caldeirão. O conteúdo dos boatos ia desde a suposta ameaça moral, até indícios de uma revolta armada por parte dos trabalhadores rurais. O que eles não cogitam é que lá houvesse de fato uma experiência comunista. Para os “remanescentes” a noção de comunismo está mais para um materialismo excludente de qualquer espiritualidade, do que para a noção de um sistema econômico ou doutrina baseada na propriedade coletiva. Na sua lógica o crente é temente a Deus e o comunista, materialista, venera a matéria e não acredita em Deus. Mesmo que, no interior das comunidades predomassem a produção e a distribuição de bens de maneira igualitária, estão convictas do paradoxo entre ser comunista e ser crente. Consideram, portanto, inconcebível que o motivo da invasão e da matança posterior tenha algo a ver com a existência de comunistas entre os que faziam parte da comunidade, e remetem a causa para a sua compreensão religiosa, em que ser cristão é participar dos sofrimentos do mestre – ser perseguido por acreditar nele, ser martirizado por amor ao próximo, destino de todos que têm fé no Cristo, para quem o sofrimento é um caminho de aperfeiçoamento que leva a salvação:



Eu não acho que seja comunismo porque como é se a pessoa só reza, a pessoa teme a Deus? Acha que pode ser? (M.T.M./f/set.-2000).

Lá todos eram iguais. Era comunidade. No tempo do comunismo, acharam que era uma célula comunista, então foi aí que veio a perseguição, veio à polícia, veio o exército, bombardearam. (G.F.A./f/jan.-2000).

Porque quem segue a Jesus, toda vida tem que ter a perturbação perseguindo. O senhor sabe que é assim? Sabe que quem segue a Jesus é perseguido, é caluniado, recebe toda calúnia (J.M.C./f/mai.-2000).

Os motivos do extermínio que aparecem em vários testemunhos orais se referem a ambição da Igreja e atribuem a fonte dos boatos entre a Diocese de Crato e a ordem dos Salesianos de Juazeiro. Os padres Salesianos estariam cobiçando os melhoramentos existentes na terra, fruto do trabalho desenvolvido pelo beato e seu povo; ao mesmo tempo que a Diocese estava intolerante para com o sucesso do “catolicismo popular” no Caldeirão. Mas não só essas alas da Igreja se incomodavam com o Caldeirão como também os grandes proprietários de terras circunvizinhas temiam perder mão-de-obra para aquele competidor imbatível. Para a polícia agir, era preciso um motivo mais forte, e esse ancorava-se na suspeita do Governo em relação ao comunismo.

O advogado dos Salesianos, Norões Milfont, foi o responsável pela campanha contra o beato, acusando-o de comunista junto a Diocese do Crato e Presidente do Estado do Ceará. A ordem de invasão do Caldeirão partiu de Fortaleza, após uma reunião, em 09 de setembro de 1936, no gabinete do governador (presidente do estado) Menezes Pimentel, da qual participaram o governador, o Secretário de Estado Andrade Furtado, o Chefe de Polícia Cordeiro Neto e o Bispo do Crato Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva. Na reunião ficou decidido a invasão policial com destruição do sítio (Holanda, 1-02-1981).

4. CONSIDERAÇÕES

A união de uma população em torno de um objeto ou fato de contemplação leva a sentimentos de solidariedade e ajuda entre os participantes. E, assim sendo, as vivências compartilhadas fortalecem vínculos. Quando isso acontece na presença de uma figura central, um líder, em torno do qual as pessoas se congregam, a manifestação espontânea toma caráter de movimento, com uma dinâmica e uma estética própria. No caso do Caldeirão, o grupo de seguidores reunido em torno do beato, o tinha como autoridade civil e religiosa imediata. José Lourenço congregava discípulos fiéis, que produziam os seus próprios rituais e criavam os seus momentos de celebração. Suas práticas se afastavam dos produtos impostos pela hierarquia religiosa dominante, e, pareciam desafiar as estruturas de dominação, subvertendo a reprodução de contextos sociais. A religiosidade aparentemente irracional de pessoas ingênuas tornava-se meio de libertação de formas de opressão e exploração. Assim, as narrativas dos remanescentes do Caldeirão informam que aquela era uma comunidade igualitária e uma irmandade fraterna. Inferimos que era também tradicional, messiânica – ou com característica de comunismo primitivo. Lá a fé num paraíso pós-morte já começava a se mostrar em vida. Aquelas gentes alimentavam-se, vestiam-se, abrigavam-se e amavam-se com autonomia. Seguiam viagem para salvação da alma através de um caminho formado pelo exemplo de vida e pelas palavras do líder beato.

A manifestação diferenciada de convivência grupal e práticas religiosas do Caldeirão não foram incorporadas como forma de reprodução do poder vigente. Aquele modo de vida foi interpretado como uma ameaça a Igreja, ao latifúndio e ao Estado. O crescimento da comunidade teria incomodado a Igreja porque a Diocese do Crato não conseguia tantas almas apaixonadas como tinha conseguido o P^e. Cícero em Juazeiro do Norte, nem tantos devotos fervorosos como o Beato José Lourenço, discípulo daquele, no Caldeirão. Porém, aquela clientela não tinha capital financeiro nem social, não sendo assim prioridade para as elites religiosas buscarem trazê-la para seu “rebanho”. Por outro lado, com sua força de trabalho que não



era de todo submissa, o Caldeirão iria incomodar os coronéis, que perdiam o seu exército de reserva de mão-de-obra para aquele “éden matuto”. Por fim, havia um temor disseminado no Governo que em Caldeirão fosse organizado uma revolta armada, e não houve tolerância, interesse nem habilidade em uma negociação por parte dos poderes vigentes.

Neste trabalho distingui concepções que criam valores antagônicos e confrontos de narrativas em função da interpretação dos acontecimentos em torno do Caldeirão. Para o Estado o Caldeirão foi pintado como um perigo à sociedade. Era visto como ameaça por terem cometido os “crimes” de romperem as relações de produção com o regime latifundiário e violar as leis da propriedade privada (Facó 1976: 203). Para os “remanescentes” o Caldeirão era um mundo de abundância e de igualdade em condições de vida, de trabalho e onde as necessidades mais profundas e essenciais dos seres humanos estavam satisfeitas.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Tarcisio Marcos (1994), *A Santa Cruz do Deserto*, Recife, UFPE. Dissertação de Mestrado em História.

BARROS, José Góes de Campos (1937), *A Ordem dos Penitentes*, Fortaleza, Imprensa Oficial.

BARTHOLOMEU, Floro (1923), *Joazeiro e o P^e. Cícero: depoimento para a história*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

BASTIDE, Roger (1977), «Prefácio à 2^a edição», Em Ma. Isaura Pereira de Queiroz, *O messianismo no Brasil e no mundo*, 2^a ed, São Paulo, Alfa Ômega.

BENJAMIN, Walter (1987), *Magia e técnica, arte e política*, São Paulo, Brasiliense.

DELLA CAVA, Ralph (1976), *Milagre em Joazeiro*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

CORDEIRO, Domingos Sávio de A (2004), *Um beato líder; narrativas memoráveis do Caldeirão*, Fortaleza, Imprensa Universitária/UFC.

FACÓ, Rui (1976), *Cangaceiros e fanáticos*, 4^a ed, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

HALBWACHS, Maurice (1990), *A memória coletiva*, São Paulo, Vértice / Ed. dos Tribunais.

HOORNAERT, Eduardo (1997), *Os anjos de Canudos*, Petrópolis, Vozes.

LOPES, Francisco Régis (1991), *Caldeirão: um estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades*, Fortaleza, EDUECE.

MAIA, Vera Lúcia (1992), *José Lourenço o beato camponês da comunidade do Caldeirão*, São Paulo, Paulinas.

MARTINS, José de Souza (1985), *Os camponeses e a política no Brasil*, Petrópolis, Vozes.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich (1976), «O manifesto do Partido Comunista» Em *Textos*, 3. São Paulo, Alfa-Ômega.

OLIVEIRA, Manfredo (1988), «Síntese conclusiva» Em *Anais do 1º Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero e os Romeiros de Juazeiro do Norte*, Fortaleza, UFC.

QUEIROZ, Ma. Isaura Pereira de (1977), *O messianismo no Brasil e no mundo*, 2^a ed, São Paulo, Alfa-Ômega.

SIMMEL, Georg (1983), *Sociologia*, São Paulo, Ática.

Periódicos:



“ASPECTOS DA COLÔNIA de fanáticos do caldeirão”, *Revista Policial*, Não assinado, Fortaleza, [s.n.], setembro de 1936.

FIGUEIREDO, José Alves de, “O beato José Lourenço e sua ação no Cariri”, *O Povo*, Fortaleza, 07-06-1934, Página 07.

“FALA A O Povo o Sr. Chefe de Polícia”, *O Povo*, Não assinada, Fortaleza, 12-05-1937, Páginas 1ª e 08.

HOLANDA, Tarcísio, “A chacina do Caldeirão”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 01-02-1981, Caderno Especial de Domingo.

MACHADO, Antonio de Alcântara, “Os fanáticos do Caldeirão”, *O Povo*, Fortaleza, 02–03–1936, Página 02.

¹NOTAS

Uso o termo comunidade a respeito do Caldeirão porque é assim que os remanescentes consideram.

² As referências dos depoimentos aparecem no texto entre parênteses começando com as iniciais dos nomes dos entrevistados, acompanhadas dos caracteres: m e f, usados para identificar, respectivamente, os informantes masculinos e femininos. Ainda dentro dos parênteses constam as datas das entrevistas. Aquelas que datam do ano 2000 foram realizadas por mim, as anteriores, por outros pesquisadores.

³ Sobre aproximações entre as narrações orais e escritas ver Benjamin, 1987.

⁴ Outras análises nessa pesquisas foram apresentadas em livro: Cordeiro, 2004.

⁵ As ordens de penitentes fazem um trabalho religioso leigo de “cuidar” dos mortos. Rezam pelas almas do purgatório em suas reuniões noturnas. Rezam nos cemitérios, nas cruzes dos caminhos, fazem “sentinelas” em velórios e acompanhamentos de enterros, cantando benditos, ladainhas e “incelencas”(canto de encaminhamento da alma dos mortos).

⁶ Ser beato é um ato de vontade própria. Implica em fazer penitencias, ser caridoso, casto e, como geralmente despreza bens materiais, também não trabalha pela sua sobrevivência, vivendo de esmolas. A função do beato é ser útil ao próximo; é um tipo de serviço social, que coexiste principalmente de rezas por vivos e mortos. Depois de algum tempo nesse tipo de vida, a população o nomeia beato por reconhecê-lo como tal.

⁷ Romeiros são indivíduos peregrinos a Juazeiro do Norte que buscam orientação para a sobrevivência, consolo e direção espiritual.

⁸ Há informantes que afirmam ter havido bombardeio aéreo durante o ataque. Alguns autores também confirmam essa informação: “Relembre-se a chacina de Canudos, onde não foram poupadas nem mulheres nem crianças, e, já na década de 30, utilizando até aviões, a dizimação bárbara do pobre ajuntamento do beato Lourenço, na Serra do Araripe...” (Facó 1976: 187).

⁹ Hoornaert nomeia esse *ethos* de “cristianismo das origens’ (1997: 09)

¹⁰ “Na sociedade comunista, o trabalho acumulado é sempre um meio de ampliar, enriquecer e melhorar cada vez mais a vida dos trabalhadores. ... O comunismo não retira de ninguém o poder de apropriar-se de sua parte dos produtos sociais, apenas suprime o poder de escravizar o trabalho de outrem por meio dessa apropriação” (Marx e Engels 1976: 33).

¹¹ Sobre fanatismo na região do Cariri é importante considerar a noção de que “muitos dos romeiros chamados pelas elites de ‘fanáticos’ eram analfabetos, pobres e politicamente inertes. Sob a capa do impulso religioso ... escondia-se, muitas vezes, o desejo infrutífero de controlar o meio adverso e sobrepujar as injustiças sociais que faziam de suas vidas uma desgraça” (Della Cava 1976: 139).